"E QUE TUDO MAIS VÁ PRO INFERNO": "FÃS-MILITANTES" E CIRCULAÇÃO DE IDÉIAS EM CANÇÕES DO "REI"[1].

Edmilson Alves Maia Junior[*]

(FECLESC/UECE)

RESUMO

Este artigo interpreta a circulação de ideias em três canções do artista Roberto Carlos. As músicas são: "Quero que tudo vá para o inferno", "A Janela" e "O Divã". Com a análise dessas canções a partir de fontes (revistas, jornais, biografias, discos) que as discutiram e, principalmente, com o estudo das narrativas de "fãs-militantes" do artista fizemos uma discussão de como as ideias de juventude, rebeldia e reconciliação foram apresentadas pelo cantor e também como tais ideias foram apropriadas por diferentes atores em suas trajetórias e escolhas.

Palavras-chave: Ideias políticas. Roberto Carlos. Fãs-militantes. Canções. Narrativas.

ABSTRACT

This article analyzes the flow of ideas in three songs the singer Roberto Carlos. The songs are: "Quero que tudo vá para o inferno", "A Janela" and "O Divã". With the analysis of these songs from sources (magazines, newspapers, biographies, disks) that discussed and mainly with the study of narratives of "fans-activists" of the artist tried to have a discussion of how the ideas of youth, rebellion and reconciliation were presented by singer and also as such ideas were appropriated by different actors in their paths and choices.

Keywords: Political Ideas. Roberto Carlos. Fans-activists. Songs. Narratives.

---

[1] Roberto Carlos foi coroado "Rei da Juventude" no Programa do Chacrinha em 1966 – e sua mãe, a futura "Lady Laura", lhe colocou a coroa. Depois de um desgaste de sua imagem em 1967-1968, o autor reconfigurou sua carreira, e com as altas vendagens de seus discos e a maciça exibição de suas canções "maduras", a partir do inicio dos anos 1970 virou simplesmente "Rei" – processo amplificado e reelaborado com a sua entrada na Rede Globo em 1974 e a produção dos Especiais de Fim de Ano que permanecem até hoje.

[*] Doutorando na Pós-Graduação em História da UFMG com a orientação do professor João Pinto Furtado.

APRESENTAÇÃO

Meu principal objetivo com esse artigo foi debater a circulação e significações no espaço público das ideias de juventude, rebeldia e conciliação em três canções do artista Roberto Carlos: "Quero que vá tudo pro Inferno", lançada em 1965 no LP Jovem Guarda; "A Janela" e "O Divã", músicas lançadas no LP Roberto Carlos de 1972. Foram os entrevistados de minha pesquisa de doutorado os colecionadores do cantor, que destacaram as canções como essenciais na sua "adesão" ao mito do "Rei". Elas apareceram como centrais nas falas desses "fãs-militantes" que constituem algum tipo de "militância pró-Roberto Carlos" através da construção de memórias sobre o artista. Admiradores que montaram acervos, virtuais ou não, coleções inteiras com milhares de objetos, revistas, jornais, fotos, discos; que disponibilizam vídeos e outros materiais na Internet; ou que fazem (e acompanham) Programas de Rádio. "Súditos" obstinados e leais, através da constituição de "documentos-monumentos" (LE GOFF, 1995, p. 547-548) sobre o cantor e que são memorialistas de sua vida e obra.

Desta forma, para pensar as canções citadas como suportes de ideias politicas do período procurei "ouvir" e interpretar as narrativas dos fãs do cantor. Analisar como as canções aparecem, porque aparecem nas falas dos entrevistados e em suas "escolhas narrativas"[2]. Em como interpretam o papel que Roberto Carlos teve em suas vidas. Compreender como esses sujeitos com suas representações do "Rei" narram sobre canções e imagens, sobre suas coleções de objetos referentes à trajetória do cantor e sobre os encontros que tiveram com o artista ao longo de suas vidas. Interpretar como esses "fãs-militantes" contaram dos efeitos das canções em suas vidas.[3]

As três canções, portanto, foram escolhidas porque foram literalmente cantadas e ressaltadas nas entrevistas como suportes de ideias políticas nas trajetórias pessoais e na teia das memórias que se tem sobre as músicas, sobre o artista e seus contextos. Ideias

---

[2] Minha pretensão de pensar tais narrativas como elaboradoras do tempo histórico inspira-se em Paul Ricoeur tendo em vista que "o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, e que a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal" (RICOEUR, 1994. p85)

[3] Parto da análise das entrevistas tendo em vista que "Representações e fatos não existem em esferas isoladas. As representações se utilizam dos fatos e alegam que **são** fatos; os fatos são reconhecidos e organizados de acordo com as representações; tanto fatos quanto representações convergem na subjetividade dos seres humanos e são envoltos em sua linguagem. Talvez essa interação seja o campo específico da história oral, que é contabilizada como **história** com fatos reconstruídos, mas também, em sua prática de trabalho de campo dialógico e na confrontação crítica com a alteridade dos narradores, a entender representações." (PORTELLI, 1998. p 111.)

emblemáticas para eles e que podem ser interpretadas a partir das canções. O que fiz estudando também outras fontes além das entrevistas com os fãs. Fontes sobre as canções que permitam uma leitura de seus sentidos políticos enquanto textos[4]. Sendo que tal cruzamento dessas narrativas dos "fãs-militantes" com as fontes escritas não pressupõe o estabelecimento de verdades objetivas mais reais, menos subjetivas numa ou noutra fonte. Procuro sim estabelecer um diálogo entre as fontes para entender as ditas canções no espaço público dos anos 1960 e 1970 e enquanto suporte de ideias que até hoje permanecem nas elaborações das memórias.

As canções foram estudadas como fazendo parte de uma rede de representações no sentido de expressarem significados sobre a trajetória e o papel do artista na sociedade brasileira. Se as canções foram suporte de ideias políticas não o foram apenas nos momentos de lançamento, mas também permaneceram como emblemáticas na defesa desse ideário e na participação do imaginário do "rei".

Para tanto analisei as canções enquanto textos tendo em vista as posições em ação e dinâmicas em seus contextos:

> Na realidade, apesar de toda a sua variedade, *contextos* possuem uma característica principal – são sempre explicativos, assim como relacionais, uma vez que articulam temas próprios à sua época e a um vocabulário de época. Nesse sentido, apontam para o que poderia ser chamado *tempo da obra*: revelam as razões pelas quais determinadas posições foram tomadas, seu motivo e entendimento; revelam igualmente as suposições, crenças e idéias – uma espécie de visão de mundo articulada – que oferecem sentido aos eventos manifestos de uma determinada época histórica. (STARLING & SCHWARCZ, 2005-2006).

Tentei perceber sentidos das canções em seus contextos a partir de como as diferentes narrativas dialogaram com as musicas. Creio que a tessitura da mitologia em torno do "rei" Roberto Carlos teve nas canções um forte ingrediente e ao mesmo tempo as mesmas estavam (e estão) ligadas a essa rede de significados em ação, permanentemente mobilizada pelos sujeitos que se ligam ao cantor. Os "fãs-militantes" em suas narrativas usam as canções para

---

[4] "Contudo, toda canção é igualmente uma forma muito peculiar de narrativa em cujo conjunto é possível injetar certa dose de historicidade, de modo a considerá-la como *texto* que precisa ser explorado em consonância com seu mundo intelectual e político. Nesse caso, *texto* deve ser entendido numa definição de sentido amplo – inclui, por exemplo, imagens, obras literárias, ensaios e teoria política, canções e peças musicais, estilos arquitetônicos – e fornece ao investigador tanto uma gramática das linguagens políticas empregadas por seu autor quanto o substrato para o tipo de intervenção na cena pública que seus conteúdos constituem. Num sentido muito preciso, *texto*, além de ter um, ou vários, significados, é também uma ação – um ato de fala – produzida para reagir a fatos passados, modificar fatos presentes ou criar futuros." (STARLING & SCHWARCZ 2005-2006.)

explicarem a si, seu "rei" e o que pensam do Brasil. A proposta aqui foi pensar um pouco dos porquês da adesão dos fãs ao mito do "Rei" vendo que tipo de peso as ideias veiculadas nas músicas citadas pode ter tido nesse processo.

JUVENTUDE, REBELDIA E CONCILIAÇÃO NAS CANÇÕES DO "REI": POR UMA ANALISE DE "QUERO QUE VÁ TUDO PRO INFERNO", "A JANELA", E "O DIVÃ".

Robert Darton, entre outros autores, aponta para uma ampliação dos debates sobre os suportes de circulação de ideias politicas nas sociedades. Entre eles cita a canção popular sendo capaz de propor e incorporar contribuições e espalhar mensagens e mobilizando valores do imaginário político. Tanto como panfletos, cartazes, jornais, contos de fada, o historiador indicou a canção como objeto de estudo do historiador preocupado em reconstituir tramas da ação política. As canções e outros textos como suporte de ideias, como rearticulações de temporalidades e meios de disseminação de vocabulários políticos. (DARTON, 1986)

No caso do Brasil merece destaque a coleção "Decantando a república" em que temos vários artigos preocupados em investigar os sentidos políticos da canção brasileira vista como central no debate e circulação de ideias no país (STARLING; EISENBERG; CAVALCANTE: 2004). Igualmente no estudo da ditadura de 64 temos trabalhos e abordagens acerca de movimentos e artistas como o tropicalismo, a canção de protesto, a obra de Chico Buarque de Hollanda, o Clube da Esquina e os processos de mitificações, esquecimentos e silêncios nas memórias sobre a música popular (STARLING: 2009). (MARTINS: 2009) (ARAÚJO: 2003) (ALONSO: 2011).

Neste sentido, minha proposta é pensar a circulação de ideias-chaves para o país no período, mais especificamente entre os anos de 1965 a 1972, em três canções de Roberto Carlos. Percebendo ainda a presença dessas canções até os dias atuais no território da memória. Canções que se tornam mais importantes porque se referem a outros posicionamentos políticos geralmente não estudados no contexto em que atuaram. As próprias fontes apontaram para a percepção das músicas como atuantes, à sua maneira, nas tramas políticas e comportamentais da sua época falando de juventude, rebeldia e conciliação em meio aos traumas e tensões da temporalidade dos anos 1960-1970.

Na analise das três canções vemos suas elaborações\interações e como elas ecoaram nas narrativas estabelecidas sobre o papel de Roberto Carlos no contexto em questão. Penso nas musicas como necessariamente ambíguas e polissêmicas ao adentrarem no espaço público, em especial num momento tão tenso e vacilante quanto os anos 1960 em que tudo podia iniciar, ou simular, uma explosão (o que dizer dos gestos tradicionais do artista durante o programa Jovem Guarda em que simulava jogar uma granada na plateia e depois tampava os ouvidos?). Por isso parto da ideia de que através da análise de livros sobre o artista; de algumas revistas e jornais do período; dos discos do artista; e principalmente das canções e suas relações com as narrativas de fãs-colecionadores, temos indícios para rastrear parte dos significados políticos veiculados.

Foi, inclusive, no diálogo com fãs-colecionadores do artista que surgiu essa chave de interpretar as canções “Quero que vá tudo pro inferno”, “O Divã” e “A janela”. Elas foram demarcadas nas narrativas como essenciais na ligação com o cantor e com determinados valores. Por isso entendo as canções citadas pelos fãs como intervenções que devem ser analisadas, sobretudo, superando a polarização “texto-contexto” sem reducionismos de nenhum lado (SKINNER, 2000). As ideias compreendidas nas canções de forma relacional em plena historicidade atuando dinamicamente na realidade: as músicas sendo fogo, fagulha, rastro, pólvora, bomba explosão, às vezes tudo junto, atrelando-se a eventos e catalisando-os. As três canções foram citadas nas narrativas porque foram intervenções importantes do cantor e indicam os recursos que ele utilizou assim como a recepção e as interações que dados sujeitos tiveram com as ideias veiculadas e apontam a circulação de dados significados e interpretações:

> A rigor, canções são ambíguas – como todo *texto*, terão sempre vários significados além daquele pretendido pelo compositor e podem ser entendidas de diferentes maneiras. Contudo, canções transmitem também o *contexto* intelectual e político que conferem sentido a essa obra, o conjunto de argumentos nos quais o compositor pretendeu intervir e o tipo de intervenção que seu texto procurou constituir no debate político de sua época. Assim, recursos retóricos como o humor, a sátira e o riso, ou, ainda, a identificação de valores, princípios ou idéias que motivaram o compositor a criticar, satirizar, repudiar, afirmar ou negar determinada conjuntura são sempre, em primeiro lugar, estratégias de intervenção de um autor. (STARLING & SCHWARCZ, 2005-2006).

Desta forma através das canções de Roberto Carlos citadas nas narrativas dos “fãs-militantes” percebemos os recursos utilizados pelo artista para a inserção em dadas temáticas

políticas dos anos 1960 e 1970: ação política (e o "escapismo"), "o poder jovem", "rebeldia" e a "conciliação". Com a mesma importância vemos alguns fios das tramas de discussão dessas temáticas: como outros atores lidaram com elas e procuraram formatar um lugar para Roberto Carlos e suas canções nesse debate.

CANÇÃO-BOMBA, PÓLVORA, PAVIO E EXPLOSÃO: "QUERO QUE VÁ TUDO PRO INFERNO" E UM DEBATE SOBRE AÇÃO POLÍTICA E JUVENTUDE NO PÓS-GOLPE DE 1964.

A primeira canção escolhida "Quero que vá tudo pro inferno" é apresentada como "canção-bomba", como um grande rito de passagem em várias situações estudadas. Ela foi composta por Roberto Carlos e Erasmo Carlos, gravada no LP de Roberto Carlos "Jovem Guarda" de Novembro de 1965 e se somou, ampliando, a onda de popularidade no pique do programa que já fazia sucesso com o mesmo nome. Vejamos a letra inteira da música, em que não satisfeito em mandar tudo para o inferno três vezes na repetição do refrão, Roberto Carlos, ao fim da canção, repetiu seis vezes a expressão tendo como pando de fundo o som do órgão fantasmagórico de Igreja:

> De que vale o céu azul e o sol sempre a brilhar/Se você não vem e eu estou a lhe esperar/Só tenho você no meu pensamento/E a sua ausência é todo o meu tormento/Quero que você me aqueça nesse inverno/E que tudo mais vá pro inferno/De que vale a minha boa vida de playboy/Se entro no meu carro e a solidão me dói/Onde quer que eu ande tudo é tão triste/Não me interessa o que de mais existe/Quero que você me aqueça nesse inverno/E que tudo mais vá pro inferno/Não suporto mais você longe de mim/Quero até morrer do que viver assim/Só quero que você me aqueça nesse inverno/E que tudo mais vá pro inferno/Oh, oh,/E que tudo mais vá pro inferno/Não suporto mais você longe de mim/Quero até morrer do que viver assim/Só quero que você me aqueça nesse inverno/E que tudo mais vá pro inferno/E que tudo mais vá pro inferno/E que tudo mais vá pro inferno/E que tudo mais vá pro inferno/E que tudo mais vá pro inferno/E que tudo mais vá pro inferno.

Na análise da canção um primeiro ponto se destaca: o peso da expressão "mandar tudo para o inferno" e sua interação com o restante da letra que nas fontes é sempre subestimada. Quase todas as indicações apontam para essa mesma expressão e sua polêmica. O resto da letra é quase sempre deixado de lado quando se cita a música.

Como fez Vera Marchisiello[5] ao falar do impacto inicial que Roberto Carlos e essa canção, com o seu "mandar tudo pro inferno", tiveram em sua vida e o porquê de ter se tornado uma fã-colecionadora. Na sua fala temos a sua relação com os meios de comunicação e os produtos com os quais ela vai se relacionar pelo resto da vida na sua ânsia de colecionadora do artista mais inserido na máquina de comunicação do país. Na sua fala aparece à canção "Quero que vá tudo pro inferno" com evidente destaque para o "mandar tudo pro inferno":

> Tudo na minha vida, como eu digo, não é coincidência e sim "Deusdência"... Eu era filha de militar. Filha única. Minha casa muito cheia de menininhos e menininhas, tinha muito brinquedo, balanço, escorrega. Era uma casa muito festiva. Mas na minha casa era também de muita musica clássica. Tanto é que eu não sei como eu pude gostar de Roberto Carlos. Na época, o que era até uma coisa muito avançada, eu tinha televisão no meu quarto... E ai veio a Jovem Guarda. E todo mundo ficou fascinado com aquilo. Tudo muito jovem, muito colorido. Logo meu pai deu chilique - "Não pode, tem que ser música clássica. Manda tudo pro inferno... Isso é xingamento, não pode!"

Ela não é a única a citar a canção, e sua expressão "mandar tudo pro inferno", como a primeira do artista a lhe fascinar em meio a dificuldades com o pai. Ocenilda Santana[6], fã de Roberto Carlos desde meados da década de 1960, mesma época de Vera, falou desse papel central da canção em meio à onda da "Jovem Guarda":

> A minha relação com o Rei começou em 1965, quando eu tinha 5 anos e ainda morava em Aracaju-SE. Poucas pessoas tinham televisão naquela época e eu só conhecia o Rei através do rádio. Adorava ouvi-lo cantando "A namoradinha de um amigo meu" e "Quero que vá tudo pro inferno" que eram os grandes sucessos da época. Só em 1968, quando tinha 8 anos e já morando em Feira de Santana-BA, meu pai comprou uma TV em preto e branco e foi então que eu vi pela primeira vez a imagem do Rei. Todos os domingos passava o Programa Jovem Guarda e aí então nunca mais parei de acompanhar a vida e a carreira do

---

[5] *Vera Marchisiello.* É definida como a maior colecionadora da obra de Roberto Carlos no Brasil. Mora em Niterói-RJ. Entrevista realizada dia 19 de Novembro de 2011 em Niterói-RJ. Coordena, com o reconhecimento público de Roberto Carlos, o "fã-clube oficial do artista": o GUMARC (Grupo de Um Milhão de Amigos de Roberto Carlos) que reúne e recebe material de inúmeros fãs espalhados pelo mundo. Soube de Vera Marchisiello através da Revista Emoções em que temos uma reportagem sobre o GUMARC, definido como um "centro de divulgação da carreira e da obra de Roberto Carlos". A história do grupo liga-se a sua coleção pessoal iniciada quando criança nos anos 1960 e que resolveu disponibilizar numa exposição em 1991. Nesse ano, seu acervo foi apresentado num Programa da TV Globo de aniversário dos 50 anos de vida do cantor. A repórter ao ver a coleção exclamou: "É um santuário!"

[6] *Ocenilda Santana de Souza*. Fã-Colecionadora desde a Jovem Guarda. Doutora em Tradução Literária na Universidade Católica de Leuven, na parte de língua holandesa. Trabalha como autônoma junto às agências de tradução e os Tribunais e também professora de Português, em uma Escola da Província à noite em Verviers na Bélgica. Entrevista realizada por e-mail e MSN dia 22-09-2009.

> Rei. Foi uma tristeza para mim quando o Rei deixou a Jovem Guarda. E que um ano depois este Programa teve fim.

Nas narrativas dessas duas fãs-militantes do artista a canção é lembrada a partir de veículos de massa diferentes e ela aparece colada as primeiras rusgas internas, as primeiras insubordinações, uma vez que ambas em vários momentos de suas entrevistas voltaram a falar na presença de Roberto Carlos como motivo de desavenças com a família, em especial com a figura paterna. Vera sempre destacando a atitude do pai, simulando seu sotaque carioquês. Ocenilda Santana lembrando ainda, por exemplo, que o pai a proibia de ir aos shows e entrar em contato com o filme do cantor de 1967:

> Quando eu tinha 8 para 9 anos, em 1969, estreou o filme "Roberto Carlos em Ritmo de Aventura" no Brasil e eu fiz tudo para ir vê-lo em Feira de Santana. Lembro-me que não foi fácil conseguir a permissão de meu pai para ir ao cinema ver esse filme. Acho que minha mãe é que deve ter me acompanhado. Nem me lembro mais. Mas o fato é que meu pai acabou deixando eu ir ao cinema para ver o filme do Rei. Deve ter sido um sábado ou domingo à tarde. Lembro-me que estava tão nervosa e estressada que durante toda a manhã fiquei com dor de barriga. Passei toda a manhã tomando chá de erva cidreira para melhorar porque eu não admitia que esse fato viesse me impedir de ir ao cinema. Era de nervosismo mesmo. Mas graças a Deus passou e eu consegui ir ver o filme do Rei. Chorei tanto de emoção durante toda a projeção de "Ritmo de Aventuras". Adorei ter visto o Rei "a cores" (pela 1ª vez) e em um telão.

Outro fã-colecionador, Fabiano Cavalcante[7], narrou que uma das primeiras músicas que lhe chamou atenção na vida foi justamente "Quero que vá tudo pro inferno" em meados dos anos 1970. Igualmente ressaltou que seus irmãos mais velhos foram os responsáveis por isso ao promoverem festas e comprarem os discos que ele ouviria. E que no inicio seu pai "*não ia muito com a cara de Roberto Carlos*" e ao explicar os motivos novamente veio a música e sua expressão-chave:

> Não, não, meu pai nos anos 60 ele nem gostava do Roberto Carlos, os meus irmãos estavam vivendo um momento, nos anos 60 que era um momento de rompimento com a tradição, era um momento mais festivo de Roberto Carlos, Roberto Carlos era o cara que mandava tudo pro inferno! Dizia o que ia ao encontro, alias, que ia de encontro ao que pensava os pais daquela época. Então meu Pai não gostava desse negocio de Roberto Carlos: "Quer mandar tudo pro inferno..." com o passar do tempo ele muda a concepção dele, ele passa a ser uma pessoa que aprecia Roberto Carlos, (...)

[7] *Carlos Fabiano Cardoso Cavalcante*. Reside em Fortaleza-CE. Mantém um site com noticias sobre Roberto Carlos. Colecionador desde os anos 1980 e fã do cantor desde os anos 1970. Atualmente faz o Programa "Encontro com o Rei". Executivo de uma rede de supermercados. Entrevista dia 26/06/2009 em Fortaleza-CE.

As falas apresentam que a música deve ser demarcada em dois sentidos: primeiro o estrondoso sucesso que foi e como lhe marcaram a infância em seus contatos com os veículos de massa; segundo, a canção inserida num campo de contestação em meio ao famoso "conflito de gerações" e com a autoridade. Nas narrativas dos fãs-militantes a canção foi citada sempre como parte de uma descoberta em meio aos meios de comunicação, uma surpresa, e que seus pais "não gostaram" causando conflitos. A expressão "mandar tudo pro inferno" ecoa nas narrativas para demarcar o impacto de Roberto Carlos em suas vidas e tal impacto em relação a seus pais. Vera em vários momentos da sua entrevista citou a pressão da autoridade paterna simulando em falsete a voz do militar em casa que não simpatizou muito com a ideia de "mandar tudo pro inferno". Algo que ela ratificou várias vezes na sua narrativa: o pai não gostava nada do artista, e de sua "canção-bomba", nos anos 1960 e aos poucos se aproximou de Roberto Carlos (como também afirmou Fabiano Cavalcante sobre o seu pai).

A canção, e sua principal ideia, "mandar tudo pro inferno", é apontada como rito de passagem e enfrentamento da autoridade para muitas outras pessoas na biografia proibida sobre o artista escrita por Paulo César de Araújo. Ele traz em seu livro instigantes entrevistas de artistas reconhecidos nacionalmente falando sobre a canção. Wando, Fagner, Zé Ramalho, Djavan, Alceu Valença, Luís Melodia, entre outros, recordam dela como uma grande iluminação ouvida no espaço público no sentido de perceber as potencialidades da arte pra intervir no mundo e nas suas próprias opções em escolherem a profissão de músicos. A cantora Fafá de Belém lembrou que quando tinha 10 anos ao ouvir a música pensou: "*Humm, como esse cara é moderno!"*[8] Como compreender esse Roberto Carlos e sua canção identificados com o ser moderno? (E que ressoa nos versos de outra canção "É Papo Firme[9]": "Manda tudo pro inferno/E diz que hoje isso é moderno").

Observemos que todos até aqui ressaltam o titulo e o refrão da musica e nem mesmo se dedicaram a pensar outras dimensões da musica. Em nenhuma fonte até aqui parece haver a preocupação de debater o restante da música ou seus efeitos sonoros. Por quê? Segundo a cantora Wanderléa a expressão "mandar tudo por inferno" não tinha e não tem equivalente em termos de chocar, seria ainda mais pesado do que dizer um palavrão em rede nacional nos dias

[8] Temos ainda a conhecida admiração/declaração de Caetano Veloso de que a música "foi o fenômeno de massa mais intenso que vi na minha geração" sendo, inclusive, citada na sua canção Tropicália: "E que tudo mais vá pro inferno meu bem". (ARAÚJO, 2006. p 138-141)

[9] "É Papo Firme" de Renato Correa-Donaldson Gonçalves, do disco de Roberto Carlos de dezembro de 1966. A música, não composta por ele, já indica a capilaridade de "Quero que vá tudo pro inferno" com o retorno da temática do inferno identificado com o moderno. O artista alimentou-se dos efeitos criados, consolidando e ampliando ainda mais a mensagem inicial da sua "Quero que Vá Tudo Pro inferno".

atuais.[10] Penso então que seu conteúdo político vem por colocar a expressão na ordem do dia em uma sociedade em plena ebulição dos meios de comunicação de massa e num ambiente político que naquele período estava num impasse, com uma ditadura ainda vacilante.

A canção com sua expressão infernal foi vertigem dentro de um clima de vertigem. Um furacão próprio dentro da roda-viva da ditadura, que já destruíra esperanças encarnadas nas reformas de base de 1964, e continuava a girar em 1965 sem ainda se saber para onde. Na esfera pública de uma ordem institucional instável que vinha de um golpe, expurgos, cassações, num atmosfera de ressaca e derrota dos setores de esquerda, e de plena incerteza de todos, o "mandar tudo pro inferno", ao que indica as falas dos fãs e dos artistas citados por Paulo Cesar de Araújo, foi recebido como rito de liberdade e rebeldia servindo até os dias atuais como parâmetro para se falar dos primeiros conflitos com a autoridade inicial em nossas vidas: a família. Para o autor da biografia proibida à canção e seus versos foram tão marcantes no debate dos anos 1960 que ocupa um lugar essencial na sua defesa do papel de Roberto Carlos na cultura brasileira. De longe é a música mais analisada no livro. Parece ser proporcional a análise ao impacto político e cultural que o escritor julga a musica ter tido no contexto em que foi lançada.

Uma canção que mobilizou politicamente o país no sentido de uma critica comportamental, apropriada como critica a autoridade através de uma nova linguagem até então impensada e veiculada maciçamente na esfera pública.

O que não aparece, no entanto, em um livro de 1966 dedicado a entender o apelo popular da canção e o fenômeno da Jovem Guarda e seu Rei que a musica ajudou a ampliar e dele tornou-se o maior símbolo. Em "A Rebelião Romântica da Jovem Guarda" de Rui Martins[11] a canção é "escapista" e veio ocupar um lugar vazio nas mentes e corações dos jovens, sendo aceita depois de uma breve rejeição pelos adultos como um desabafo político diante a situação vivida. Temos com esse livro uma boa discussão de como no campo das ideias políticas a música foi pensada. A longa, mas fundamental citação a seguir nos permite observar como a obra utilizou a canção de Roberto Carlos para fazer uma intervenção no

---

10 Depoimento da cantora ao Programa Globo Repórter exibido no dia 10-07-2009.

11 O jornalista depois de fazer uma ampla reportagem sobre o assunto para o jornal Estado de São Paulo resolveu condensar mais análises e lançar um livro em 1966 sobre o cantor e sua principal musica até então. Quando da saída de Roberto Carlos do programa Jovem Guarda, em janeiro de 1968, o Jornal do Brasil no Rio de janeiro lançou uma ampla reportagem com base nas ideias discutidas em A Rebelião Romântica da Jovem Guarda, reproduzindo textos inteiros do livro de Rui Martins. Nessa nova reportagem no Rio de Janeiro é feito o de questionamento da duração do mito Roberto Carlos "fabricado pela indústria cultural" e agora fora do programa Jovem Guarda que entrou em declínio. Tendo em vista essas reportagens podemos intuir que as suas ideias acerca da "rebelião romântica" e da musica "Quero que vá tudo pro inferno" tiveram excelente divulgação no período.

período. Lendo o livro vejo muito além de uma critica da canção, de Roberto Carlos e a Jovem Guarda. Temos o debate de questões-chave daquele momento como "rebelião", "revolta", "insatisfação", "alienação" "vontade política" "transformação", "juventude" "ação política". Avalio que o livro debate, tendo como mote a canção, a "ação política" na sociedade em meio aos primeiros anos pós-golpe de 64 (em especial diz que foca na ação do jovem e sua "rebelião romântica", mas dedica-se a muito mais que isso). Caracteriza e discute a situação da cena política em um momento de instabilidade, onde os muitos sujeitos tateavam formas de avaliar como agir politicamente e precisam fomentar um debate politizado. Vejamos como:

> Uma música em especial exerceu influência decisiva na aceitação do cantor Roberto Carlos pelos diversos grupos etários, tornando-o suficientemente conhecido e consolidando seu sucesso. «Quero que vá tudo pro inferno» chamou a atenção dos adultos para o cantor predileto de seus filhos, pelo fato de ter incorporado à sua letra uma imprecação, bastante usada, mas ainda recebida com certa reserva pelos mais velhos.
>
> Passada, porém, a primeira impressão dos adultos, foram eles mesmos os principais divulgadores da composição que lhes possibilitava uma válvula de escape. O estribilho «e que tudo o mais vá pro inferno» deixou de ser apenas o encontro de uma boa rima para sintetizar o desinteresse da geração moça ante os padrões da sociedade constituída e o desencanto dos adultos diante de uma situação política que não evoluiu na medida de suas expectativas.
>
> A composição, naturalmente, não foi intencional, contudo, incluiu uma frase que todos estavam pensando. A aceitação foi rápida porque todos reconheceram na letra da nova música um pouco de sua autoria, sentindo-se também co-autores.
>
> O mandar alguma coisa para o inferno já faz parte das expressões brasileiras usadas normalmente e expressa bem a atitude de quem, impossibilitado ou cansado de fazer alguma coisa, dela se desinteressa. Tem força de imprecação e sempre revela um descontentamento ou desânimo.
>
> Para os jovens, a expressão representou o retorno a uma posição individualista, de simples defesa dos próprios interesses. Contraposta, portanto, à precedente atitude de preocupação coletiva da «bossa nova», caracterizada por uma oposição construtiva. «Vá tudo pro inferno» sintetizou a posição do jovem que diante de problemas que lhe são apresentados, reage com um «que me importa?», numa demonstração de uma precoce acomodação, de um desinteresse por tudo aquilo que ultrapasse seu desejo de ser «aquecido no inverno», ou seja, de ter suas necessidades individuais satisfeitas.
>
> Para alguns, os versos «quero que você me aqueça neste inverno e que tudo o mais vá pro inferno» revelam, também, uma irresponsabilidade ética diante do amor, considerado como uma simples aventura temporal e inconseqüente. Nesta interpretação, a atitude imediata, é uma outra demonstração do revigoramento do individualismo entre a juventude «ié-ié-ié».
>
> Entre os adultos, todavia, o motivo determinante da aceitação da música, está ligado à necessidade de desabafo e, de algum modo, a frustrações de ordem política. A classe média, principalmente, que desempenhou papel relevante no movimento contrário ao governo Goulart, não se considera satisfeita com a situação atual e não esconde suas decepções. Isto porque esperava, de imediato,

> uma atitude mais drástica do governo para com os corruptos e porque se vê atingida, em cheio pela política econômica, responsável pela redução do seu poder aquisitivo.
>
> Assim, os adultos juntaram-se aos jovens no cântico – da melodia que lhes permitiu externar um pouco do seu sentimento. A questão da disponibilidade de liderança aqui também se aplica, pois os seguidores dos líderes esvaziados unem-se aos demais e também desejam que «tudo o mais vá pro inferno»,' numa demonstração de desinteresse." (MARTINS, 1966).

Defino esse livro de 79 páginas como um "panfleto" político de sua época, cujos argumentos principais espalharam-se nos jornais, além de ter sido ele mesmo possivelmente bem consumido. Um panfleto que utilizou a repercussão da jovem guarda, de Roberto Carlos e da sua canção-bomba "Quero que vá tudo pro inferno" para participar ativamente de importantes debates da época. Para chamar a atenção para o vácuo do poder político, para se inserir na critica a ditadura de forma velada, para tentar polemizar sobre a situação do país. No panfleto, penso, nem importa tanto a música "Quero que vá tudo pro inferno" e sim utilizá-la como alvo para discutir topicamente a situação da juventude e mais que isso pensar em iniciar uma chamada à reorganização política da sociedade em pleno 1966. Os jovens sua "rebelião romântica" ligada a cultura de massa, estão supostamente no centro do debate, mas sempre a análise desliza para o "mundo dos adultos".

Daí talvez porque o autor do panfleto ter discutido que a canção não significou um impacto real, foi apenas um sintoma de insatisfação, nunca motor. Daí ter feito um duplo movimento em sua análise. Primeiramente fez da jovem guarda e da figura de Roberto Carlos conservadores, e fez da música uma canção "banal" e "individualista". Ao mesmo tempo usou a canção para apontar que os adultos já estavam "desgastados" "desencantados", "descontentes", "insatisfeitos" com a situação política e aproveitaram a deixa, "a válvula de escape", para "mandar tudo pro inferno", pois enxergavam a situação econômica desandar e a corrupção continuar apesar do discurso moralizante do golpe que derrubou João Goulart. Presidente com o nome literalmente citado nas análises do autor, mas claro, cuja saída do poder é "alfinetada" nas entrelinhas: fez-se tudo em nome do basta a corrupção, mas até agora nada foi feito. Um panfleto acerca de questões-chave da esquerda do período como desencanto com a situação política atual; preocupação com a economia pela classe media; descontentamento dos "seguidores de lideres esvaziados" – que assim começam a perder fôlego (proporcionando o início de um debate acerca de um poder sem real legitimidade, num processo de reorganização da resistência que culminaria no clima de oposição das grandes passeatas de 1968).

Acredito que o autor estava tão preocupado em fazer a partir da canção um panfleto sobre esses pontos e atuar nessa reorganização política que acabou realizando uma analise que não tem nada a dizer, ou mesmo a indagar, sobre a canção e sua mensagem política em relação aos costumes e comportamentos – algo bem distinto das outras fontes. No panfleto a canção é pichada ou como portadora de um individualismo no sentido material com a ideia do "manter-se aquecido". Ou temos a interpretação dos versos como algum tipo de "hedonismo sexual" de quem não se preocuparia com a situação do país e nem mesmo com laços amorosos mais sérios. O autor não vislumbra o debate comportamental e político que a canção possa ter proporcionado nem sua própria significação enquanto gesto ousado e autônomo na esfera pública.

Contraditório que tenha agido assim porque o próprio escritor utilizou os versos da canção pra reforçar que os brasileiros, a classe média, os adultos começam a se indignar e a "querer mandar tudo pro inferno". Ele mesmo indicou um importante papel da canção como forma de se pensar e expressar-se acerca da situação do país, algo que o autor esteve longe muito longe de defender. Sua análise não percebeu os sentidos políticos da canção – ainda que ele mesmo faça esse uso e eu tenha uma pequena ponta de duvida até que ponto chamar a canção de "válvula de escape" e a rebelião de "romântica" e o cantor de "conservador", não tenha sido uma formula consciente para intensificar o debate político escondendo-se na analise da canção "apolítica". De todo modo o panfleto acabou por desmerecer publicamente a canção reforçando uma leitura da música como "alienada": uma mera expressão de uma insatisfação que pode vir a se transformar, sendo trabalhada, em ebulição e ação política de verdade.

Tal desqualificação da música citada nesses termos é algo bem distinto do que vimos nas narrativas dos fãs-militantes do cantor e nas falas apresentadas por Paulo Cesar de Araújo. Na verdade a opinião de Rui Martins foi uma importante posição política no contexto de significação da canção, mas está longe de ter sido a única.

Em outra reportagem vemos, mais uma vez, que "Quero que vá tudo pro inferno" a partir de 1965 provocou um intenso debate acerca do artista, seu "mito", sua inserção na Indústria Cultural e na Sociedade de Consumo e seu impacto na Cultura Brasileira. Como aparece na Revista Realidade cuja capa teve a manchete: "Roberto Carlos: a revolução da juventude". Na reportagem sobre o artista, vários especialistas em juventude e na análise dos papeis e códigos sociais e comportamentais tentaram explicar o conteúdo da música, o Programa Jovem Guarda e a figura de Roberto Carlos em meio à repercussão alcançada.

Intitulada "Olhem quem chegou de repente" à matéria debateu os índices de audiência do programa, o cabelo do artista, sua forma de vestir e se expressar. Na revista tivemos depoimentos de professores universitários, padres, políticos, pais, jovens do período expressando a sua opinião sobre o artista e mais precisamente sobre a expressão de "mandar tudo pro inferno": afinal de contas o que o artista quis dizer com isso? Temos vários conflitos estabelecidos em meados da década de 1960 em torno do artista e sua "canção-bomba" que foi perseguida por esquerdistas, padres, políticos e rádios conservadoras e deixou muitas pessoas fascinadas, perplexas ou irritadas com a ideia de "só quero que você me aqueça nesse inverno e que tudo mais vá pro inferno" [12].

Tal confusão de significados presente na canção também foi apontado por Pedro Alexandre Sanches em sua análise da obra de Roberto Carlos:

> Por um lado, flagravam a contestação aos costumes e as regras sociais – mandar tudo para o inferno, mesmo em contexto de paixonite, era ato corajoso em 1965. Por outro turno, tornavam palpável a impressão de que jovem guarda eram mera e nociva alienação. (...) Mas o que era "Quero que vá tudo pro inferno", afinal de contas? Mesmo se maniqueísmos de esquerda e de direita preferissem fechar o recado ali impresso nisso ou naquilo, era (e é) umas das mais ricas canções populares brasileiras de todos os tempos, talvez justamente por reunir em si tantos sentimentos, pressentimentos, e humores divergentes, contraditórios, dramáticos. (SANCHES: 2004, p. 49).

A expressão "contexto de paixonite" leva a pensar justamente os outros versos da canção, geralmente tão descartados, e que na verdade é que ajudaram a criar em boa medida a confusão sobre a música. Observamos claramente que Roberto Carlos tematiza a sua situação recém-conquistada de primeiro grande astro da indústria cultural no Brasil, com o inicio avassalador do programa Jovem Guarda, o sucesso do LP homônimo, a explosão nacional, com seus carros e a "boa vida de playboy". A solidão contida na música é ela toda romântica, sem grandes intenções políticas explícitas, não há essa intenção no autor em uma denuncia da ditadura[13]. Mas o fato de trazer para a canção o que na época foi considerado um ato de insubordinação, fez da canção uma intervenção radical em um contexto linguístico com amplas repercussões[14].

---

[12] *Revista Realidade,* número 02, Maio de 1966.
[13] No livro de Paulo Cesar de Araújo temos o tema bem debatido através de depoimentos do artista e pessoas próximas a ele, inclusive a musa inspiradora da canção. (ARAUJO, 2006).
[14] Segundo o livro de Paulo Cesar de Araújo ao terminar de compor a música, Roberto Carlos conversou com algumas pessoas mais próximas dizendo que ela seria uma "grande bomba" para época. Sobre a intervenção em um contexto linguístico: (SKINNER, 2000).

Os entrevistados apontam o que chamei de rito de passagem em relação a suas famílias e as suas próprias formas de ver o mundo. Roberto Carlos e sua canção serviram para esses fãs como forma de se conectarem aos debates contemporâneos da modernidade, rebeldia e juventude. Não digo que a musica tenha tido uma conotação política por intenção deliberada de seu autor em mandar a ditadura, a família ou as instituições para o inferno. Proponho que o ato de gravar e cantar a canção e seus versos rebeldes colocou em ebulição seu contexto, a arena da política, e assim mandou, na prática, "tudo pro inferno", além de fornecer elementos para outros o fazerem, tudo graças a seu gesto político inicial de compor e conseguir fazer a canção circular maciçamente.

E é por isso que tanto se destaca essa separação entre seu texto completo e sua mensagem, como se o refrão e titulo já fossem suficientes. A principal força da canção foi sua mensagem essencialmente coloquial, mas que nunca antes havia ganhado a esfera publica com a proporção tomada, tocando em todas as cidades do Brasil que possuíssem um suporte para isso. E assim realizou uma intervenção sobre participação, rebeldia, iniciações, descontentamentos no mundo público a partir da quebra desse tabu.

Quebra de tabu que Vera, Ocenilda e Fabiano em suas experiências e narrativas fizeram uso. Nas suas memórias formularam lembranças de um conflito de gerações. Seriam as narrativas dos fãs-colecionadores reinvenções dessas fontes e suas subjetividades? Como lidar com a relação entre as temporalidades que se apresenta?

Defendo que o primeiro passo é assumir essa musica como promotora de debate político acerca de questões como rebeldia e juventude em meados dos anos 1960. Outro passo é pensar que dada a significação da canção e seus sentidos ecoando nas fontes afora, inclusive na construção das narrativas dos fãs.

Assim como ecoa na censura que o autor passou a fazer a si mesmo e a quem quiser cantar a musica. Como fez com a cantora Nara Leão que em 1980 foi a primeira artista da dita MPB a gravar um disco só de canções de Roberto Carlos e Erasmo Carlos intitulado "*E que tudo vá pro inferno*". Na década de 1990 o cantor retirou a musica do Box de todos os discos da artista lançados em CD. E por ordem do cantor a caixa que se chamaria também "*E que tudo vá pro inferno*" teve que mudar de nome. Outros afetados foram os integrantes do conjunto "Miquinhos Amestrados" que queriam gravar a canção na coletânea-homenagem ao cantor chamada "O Rei", de 1995, feita por artistas dos anos 1980-1990, e foram proibidos pelo artista. (SANCHES, 2006)

Roberto Carlos que gravou a canção novamente numa versão orquestrada em 1975, homenageando a si mesmo e como que agradecendo a canção o sucesso e o "estouro" que a música lhe proporcionou. Foi a partir dos anos 1990 que a proibiu sem que ninguém saiba a razão e passou a persegui-la. Seria tal perseguição uma perseguição também às ideias possíveis que a canção despertou? Uma forma do artista se penitenciar um dia por ter sido atrevido e ter se voltado, na sua ótica, contra Deus, a igreja e seus santos, a tradição, a família e a seus valores?

Na memória da canção e de seus significados no presente o debate político continua. Se ele voltar a cantá-la talvez ela volte a adentrar a esfera pública com nova força. Um dia será que o artista fará as pazes com tudo que ela representa? Roberto Carlos e a sua "Quero que vá tudo pro inferno" farão as pazes selando um acordo entre as temporalidades do ontem e do hoje que parecem rompidas? Será que o artista, que um dia promoveu uma explosão com sua "canção-bomba", "mandará tudo pro inferno de novo"? Caso isso ainda aconteça as jovens gerações poderão ouvir pela primeira vez o "rei" novamente rebelando-se. E quem sabe o gesto desperte nos antigos "súditos" ainda mais a lealdade lembrando-os como e porque tudo começou.

MEMÓRIA E CONCILIAÇÃO: TRAUMAS DA INFÂNCIA E JUVENTUDE EM "A JANELA" E "O DIVÃ

Nossas outras duas canções de Roberto Carlos igualmente foram citadas nas narrativas dos "fãs-militantes" como músicas fundamentais em suas trajetórias. No entanto, ambas referem-se a ambiguidades bem distintas de "Quero que vá tudo pro inferno". Em especial, a música "A Janela" com seu recorte da temática do conflito familiar diretamente com o debate do jovem que quer sair de casa – tema central dos anos 1960. Já em "O divã", talvez a música mais autobiográfica e dilacerante do artista, temos a casa modesta, a família com dificuldades financeiras, a lembrança do acidente de infância que o mutilou vida afora deixando marcas que o levaram inclusive a expor sua dor publicamente com a dita canção[15].

[15] A música foi cantada no show do canecão dos anos 1970 com um trem em um telão ao fundo. Também temos de alguma forma a menção a infância, e ao acidente aos 6 anos de idade com uma locomotiva, quando do primeiro programa de TV na Rede Globo em 1974. O programa tem uma determinada cena em que Roberto Carlos "volta de trem" para Cachoeiro de Itapemirim, parando na estação ferroviária onde houve o acidente.

Essas duas canções junto com “Quero que vá tudo pro inferno” ajudam a pensar um importante aspecto da obra de Roberto Carlos: a ideia de juventude e sua relação com o tempo, com a constituição do mundo, dimensão central no período em que foram compostas e que o autor dialogou fornecendo material pra seus fãs pensarem e repensarem o assunto durante suas vidas. E o que interessa ainda mais é que tanto “A janela” e como “O divã” apresentam-se como canções bem distintas de “Quero que vá tudo pro inferno” permitindo outras leituras de como Roberto Carlos viu o tema. Duas canções do disco de 1972. Um ponto de inflexão na carreira do artista. O LP que ultrapassa a barreira da 1 milhão de cópias no Brasil. Disco-família, de extrema fossa, melancolia e tristeza expressas já na capa em preto e branco com Roberto Carlos cantando solidão, abandonos, traumas e canções confessionais e autobiográficas.

A canção “A janela” foi narrada por Fabiano Cavalcante e Adriano Thales[16] ao falarem como o artista lhe mostrou caminhos, apresentou reflexões sobre um delicado tema para ambos: o sair de casa. A música surgiu espontaneamente como uma forma de expressarem a importância das mensagens de Roberto Carlos em seu dia a dia, como uma forma de apresentarem essa ligação do cantor com suas escolhas, de destacarem o peso de sua “realeza” para eles. Ressalto que ambos não ouviram a música na época de lançamento em 1972. Quando falam de “A janela” falam *a posteri*; falam de uma musica que conheceram enquanto crianças nos meados dos anos 1970 e enquanto adultos nos anos 1980 – quando de fato endossam o início de suas “militâncias pró-Roberto Carlos”.

Em suas entrevistas a canção “A janela” aparece como uma verdadeira “saga”, algum tipo de “canção-lição”. Vejamos a fala de Fabiano Cavalcante:

> Eu acho que aquela fotografia que ele fez com “A Janela” que é uma fotografia que é atualíssima hoje, que é a cara da juventude de qualquer momento, hoje mesmo se essa musica se ela passasse a ser tocada ela vira sucesso porque é um sentimento que não muda, você tá na casa dos pais e você quer sair, você quer a sua liberdade, você quer encontrar os seus caminhos, aí você para e fica olhando a janela e: “Onde é que eu vou chegar?’ e de repente você chega a conclusão que “lá fora eu não teria o que eu tenho agora aqui/tudo tem seu tempo e uma vida inteira eu tenho pra viver” quer dizer ‘vai, mas vai com calma pensa um pouco: ‘meu pai me dá conselhos, minha mãe vive falando sem saber/ que eu tenho meus problema e as vezes só eu posso resolver”. Então é uma confusão própria da juventude uma coisa pra ser cantada hoje, amanha, sempre...

[16] *Adriano Thales Valdevino de Souza*. Colecionador da obra de Roberto Carlos. Reside em Tauá –CE a trabalho como gerente de um consórcio de veículos. Sua residência fixa e seu Acervo encontra-se em Petrolina-PE. Entrevista dia 30/08/2009 em Tauá no Ceará.

E ainda, indicando ambiguidades da canção, ele completou sua análise quando lhe provoquei dizendo que Roberto Carlos fez musica "A janela", que termina com a mensagem de se pensar bem antes de sair de casa, mas ele o cantor saiu de casa em 1957 aos 17 anos de idade indo para o Rio de Janeiro tentar ser um artista de sucesso:

> A janela" você tem já um Roberto Carlos já adulto que tá em família, então pode ser que ele não tenha pensado nele em sair de casa como jovem, que é uma leitura que a gente faz, mas ele pode ter pensado em sair de casa e acabar o casamento, ele pode ter pensado assim, sair da gravadora, ele ta usando os sentimentos de uma forma que qualquer um possa se ver naquela leitura.

Já Adriano Thales apresentou a música para falar como surgiu sua admiração ao cantor e sua busca de conhecê-lo pessoalmente. Ele a cita e pega a canção pra si, (assim como veremos fez também com a música "O Divã"). Se "A janela" foi "canção-sermão", Adriano Thales fez questão de assim entende-la defendendo em sua narrativa uma identidade e escolhas a partir da longa canção de sete minutos de "pregação":

> Exato, e nisso foi mostrando uma realidade da vida, tipo assim: quando a gente é garoto a gente diz "ah, vou sair de casa, vou viver minha vida" "ah, eu tô com tudo nas mãos", as canções do Roberto Carlos na minha época elas me deram uma freagem, não que eu ia tomar uma atitude como essa, mas já me alertaram, ou coisas assim, tipo "A Janela"; "da janela um horizonte na estrada a liberdade eu posso ver" [faz a janela com as mãos] quantas vezes eu pensei em sair de casa, mas parei pra pensar. Então quer dizer são coisas, como essa que tiveram fundamento e eu parei e pensei: "caramba, eu vou sair de casa, eu vou pra onde, eu vou fazer o que? Aqui eu tenho tudo e meus pais vão querer me ensinar coisas boas, porque eu vou tomar uma atitude como essa-, será porque um amigo ou uma amiga tomaram uma atitude como é essa, e eu pude ver que eles se arrependeram e acabaram voltando, porque eu vou tomar- ". Então as canções do Roberto tiveram essa linhagem da qual eu já pude já ver um seguimento também na minha vida pessoal, isso pra mim foi muito importante.

Vejamos a letra de "A Janela" e como ela se combinou as narrativas desses fãs:

"A Janela"

(Roberto Carlos – Erasmo Carlos)

Da janela o horizonte
A liberdade de uma estrada eu posso ver
O meu pensamento voa livre em sonhos
Pra longe de onde estou

Eu às vezes penso até onde essa estrada
Pode levar alguém
Tanta gente já se arrependeu e eu
Eu vou pensar, eu vou pensar

Quantas vezes eu pensei sair de casa
Mas eu desisti
Pois eu sei lá fora eu não teria
O que eu tenho agora aqui

Meu pai me dá conselhos
Minha mãe vive falando sem saber

Que eu tenho meus problemas
E que às vezes só eu posso resolver

Coisas da vida
Choque de opiniões
Coisas da vida
Coisas da vida

Novamente eu penso ir embora
Viver a vida que eu quiser
Caminhar no mundo enfrentando
Qualquer coisa que vier

Penso andar sem rumo
Pelas ruas, pela noite sem pensar
No que vou dizer em casa
Sem satisfações a dar

Coisas da vida
Choque de opiniões

Coisas da vida
Coisas da vida

Penso duas vezes me convenço
Que aqui é o meu lugar
Lá fora às vezes chove
E é Quase certo que eu vou querer voltar

A noite é sempre fria
Quando não se tem um teto com amor
E esse amor eu tenho mas me esqueço
Às vezes de lhe dar valor

Coisas da vida
Choque de opiniões
Coisas da vida
Coisas da vida

Tudo tem seu tempo
E uma vida inteira eu tenho pra viver
E nessa vida é necessário a gente
Procurar compreender

Coisas que aborrecem
Muitas vezes acontecem por amor
E esse amor eu tenho esquecido às vezes
De lhe dar valor

Coisas da vida
Choque de opiniões
Coisas da vida
Coisas da vida

Coisas da vida
Choque de opiniões
Coisas da vida
Coisas da vida

Destaco em primeiro lugar, que como apontou Fabiano Cavalcante,“A Janela” tem também sua carga de polissemia na medida que o conflito familiar é visto tanto como um recente pai diante da mulher e filhos (situação vivida pelos autores da canção em 1972) quanto da expectativa de jovens em ir embora de casa e dos pais. Com seus longos sete minutos orquestrados e com um refrão cantado em coro internacional, “choque de opiniões” (que não há como não remeter a celebre expressão choque de gerações), “A janela” foi “canção-sermão” de alguém que em vários momentos no disco de 1972 se colocará no “divã desabafando as confusões de sua mente”. Adriano Thales e Fabiano Cavalcante ao remeterem a canção como própria para pensar os “dilemas da juventude” a indicam como foi tecida em 1972, e de lá pra cá ganhando sentidos, como canção capaz de pregar sobre a juventude e seus dilemas. Fabiano Cavalcante chama mesmo a música de “fotografia”.

A mensagem que foi para esfera pública acerca da juventude e do valor político da rebeldia é bem distinta de “Quero que vá tudo pro inferno”. Temos outro gênero e outra forma do emissor cantar na cena política. Em 1965 uma canção com o tom provocativo acompanhada por instrumentos de rock, com destaque para o órgão fantasmagórico, num programa de TV e discos voltados para a juventude imprimindo

uma linguagem pop e experimental. Já "A janela" um cantor consolidado, em um disco muito bem recebido e cheio de canções melancólicas e maduras, desferindo um discurso longo, cheio de idas e vindas, conflitos internos sobre ir ou não embora de casa e da família. Entre as muitas diferenças, como o teor das letras, só a mudança da forma de se colocar do emissor diz muito: na primeira um desabafo, uma bomba, na segunda a dúvida, a reticência espalhadas em tom de pregação.

Outra canção do tema da juventude angustiada em relação as suas escolhas foi a música "O Divã". Mas aqui os dilemas remetem aos traumas e pedaços da infância que ficaram pelo caminho e não saem da mente do artista, então com 31 anos. O tempo e a memória aparecem diretamente na letra e na orquestração operística em seus cinco minutos de canção que aumenta e diminui o tom. Uma letra dramaticamente cantada e melodiada como forma de criar uma "canção-catarse" onde o desabafo do emissor contaminou receptores fazendo com que todos de repente lembrem-se das "recordações que matam" (e "*matam mesmo*" no dizer de Fabiano Cavalcante):

O Divã

(Roberto Carlos/Erasmo Carlos)

Relembro a casa com varanda
Muitas flores na janela
Minha mãe lá dentro dela
Me dizia num sorriso
Mas na lágrima um aviso
Pra que eu tivesse cuidado
Na partida pro futuro
Eu ainda era puro
Mas num beijo disse adeus.

Minha casa era modesta mas
eu estava seguro
Não tinha medo de nada
Não tinha medo de escuro
Não temia trovoada
Meus irmãos à minha volta
E meu pai sempre de volta
Trazia o suor no rosto
Nenhum dinheiro no bolso
Mas trazia esperança.

Essas recordações me matam
Essas recordações me matam
Essas recordações me matam
Por isso eu venho aqui.

Relembro bem a festa, o apito
E na multidão um grito
O sangue no linho branco
A paz de quem carregava
Em seus braços quem chorava
E no céu ainda olhava
E encontrava esperança
De um dia tão distante
Pelo menos por instantes
encontrar a paz sonhada.

Essas recordações me matam
Essas recordações me matam
Essas recordações me matam
Por isso eu venho aqui.

Eu venho aqui me deito e falo
Pra você que só escuta
Não entende a minha luta
Afinal, de que me queixo
São problemas superados
Mas o meu passado vive

Em tudo que eu faço agora
Ele está no meu presente
Mas eu apenas desabafo
Confusões da minha mente.

Essas recordações me
matam
Essas recordações me
matam

Essas recordações me
matam
Essas recordações me
matam.

Para ampliar uma interpretação da música remeto a Adriano Thales que se referiu a música “O divã”, também de forma espontânea, quando respondia sobre sua ligação com o artista a ponto de querer ser um colecionador. Sua fala é muito rica em observarmos a dinâmica de se aderir ao mito Roberto Carlos e todos os seus valores e historicidade. Temos Adriano Thales em plena ação no imaginário sobre o cantor e explicando como virou “*um colecionador de verdade*”, um “*fã verdadeiro*” (a expressão aparece em todas as narrativas com um forte conteúdo emocional e de identificação) de “*um mito*”, “*uma lenda viva*” (palavras repetidas durante toda entrevista):

> Daí quando foi mais ou menos em 91 pra 92 aí eu levei a coisa a sério, ai eu comecei a comprar revistas, discos, discos importados, porque eu não sabia que ele tinha gravado em outros idiomas, em outras línguas, ai eu comecei realmente a ir mais a frente na sua trajetória artística e pessoal, mas o pessoal não muito na intimidade, mas sim do lado do inicio da carreira, como começou: já tinha condições... Não. E a trajetória inicial dele começou a me fascinar! Por que-. Imagina só: o pai dele relojoeiro, a mãe costureira, o caçula de 4 irmãos, eles passaram por muitas dificuldades, onde o Roberto nunca perdeu a esperança de um dia melhor, sempre acreditou nos seus sonhos nos seus ideais, quando chegou ao Rio foi na casa de uma tia, se abrigou lá e sempre em busca de seus objetivos. O que me chamou a atenção também, que eu tenho isso dito por ele, é que ele ia em várias rádios com o violãozinho debaixo do braço cantava para os diretores das rádios que na época era assim, hoje não, hoje você chega na gravadora entra e mesmo com essa voz ruim [aponta pra própria garganta] fica uma coisa sensacional, na época não – tinha que fazer ao vivo e na hora, e muitos diretores que ele chegou pra cantar, os diretores das rádios falaram pra ele: “Olha, você canta direitinho, mas você não tem futuro”, quer dizer, isso é um impacto muito grande você ouvir isso, mas para ele não. Quer dizer, que ele foi em busca disso e olha ai o que é que nós temos hoje, olha ai... Então é como eu digo e olha a minha vida: eu, moro em Petrolina tô aqui em Taua hoje, junto com você, no dia 30 de agosto, e minha família mora lá, meu filhos, a minha esposa, eu estou longe de casa há 600 quilometros, então eu me vejo um pouco semelhante, entende- De que forma- Aquele cara saindo da cidade dele, como você tá vendo aqui hoje, eu moro só, tem meu pai que tá passando um período aqui comigo, as minhas noites são difíceis, solidão, eu viajo praticamente de domingo a domingo, hoje acabei de chegar de viagem, e pra que- Pra que eu possa ter um dia melhor... Então são coisas que realmente to superando cada dia que passa, sempre, e isso são coisas que eu aprendi com as musicas do Roberto, eu sempre fui em busca dos meus sonhos, dos meus ideais, e uma coisa é concreta: as coisas estão acontecendo com na-na-na-naturalidade [gagueja] Ele sempre retrata nas canções dele as dificuldades, tipo assim: “o meu pai sempre de volta, trazia o suor na testa, nenhum dinheiro no bolso, mas trazia esperança”, como ele também retrata da vida dele que ele

> ficava ali ao lado dos irmãos, chovia, trovoava, "meus irmãos a minha volta, meu pai sempre de volta", então são essas dificuldades que eu falo e eu até falo pra você que eu fico até arrepiado [mostra o braço] porque são poucas pessoas que conseguem ter aquele equilíbrio, aquela fé de poder superar essas coisas, muitas pessoas se entregam, e ele viu tudo isso na família dele, mas ele nunca perdeu, ele disse: "Não, eu vou em busca dessa melhoria, eu vou em busca dos meus sonhos, eu vou em busca daquilo que eu quero". Então, imagina só: um garoto, como eu falei aqui inicialmente, que com o decorrer dos anos veio em busca dos seus sonhos e de seus ideais.

A longa, mas necessária citação de Adriano Thales sobre a canção "O divã", permite que possa arrematar alguns pontos chave na reflexão das três canções de Roberto Carlos. A fala de Adriano Thales faz parte de um universo de narrativas que lidam com aspectos da construção do mito do "Rei" Roberto Carlos. Ela expressa a opinião dos fãs sobre um "rei" que veio debaixo, de carreira integra, de dignidades e justo e promoveu conciliações e fez pensar as possibilidades de se lidar com grandes sofrimentos, perigos e traumas e promover a conciliação do passado com o presente.

A fala de Adriano Thales remete ao imaginário brasileiro daquele período em que muitos "precisavam" e "gostaram" de um jovem que amadurecesse depois de "mandar tudo pro inferno". Que "seguiram seu rei" no sentido de se conciliar consigo mesmo através de um jovem que foi se tornando um "rei" maduro através de sábias escolhas e fé para contar e superar seus permanentes traumas. Que soube falar de si e suas batalhas e conquistas sem entrar em polêmicas e lutas "desnecessárias", de acordo com os que acreditaram nessa mitologia. Nela tivemos imagens de dor e emoções fazendo com que o outro se identifique com tais dramaticidades. A canção "O divã" é talvez o maior exemplo disso. "Canção-conciliadora". "Canção-catarse" por excelência. Catarse acerca da infância sofrida, das cicatrizes que mesmo com todo sucesso não saem nunca. Adriano Thales remete a tais marcas que são também já dele. Lembranças do acidente que mutilou a perna do artista lhe deixando ainda mais numa situação de dificuldade. Marcas também de um ser perseverante e talentoso que soube abrir as portas que se fecharam para ele. Um "*garoto*" pobre que virou "*Rei do Brasil*".

Ao imprimir no espaço público (através das canções, mas também de shows e programas que tematizavam suas dificuldades, conquistas e idiossincrasias) as suas próprias dores e emoções conseguiu a adesão de muitos que viram ali as suas próprias dores e motivações, ao mesmo tempo em que viram ali um mito, alguém inalcançável, um tipo de "mártir". Um herói tão fundamental para esses fãs que em sua homenagem deve-se guardar

as suas "relíquias" como forma de contar e preservar sua história e seu exemplo. Por ser um mito, alguém que quebrou hierarquias, barreiras e soube-se manter no topo, expressão de muitos iguais que lhe reconheciam a majestade por ser um deles. Mas ao mesmo tempo ser, para eles, o melhor de todos e especialmente único.

Com as narrativas desses fãs-militantes sobre as canções citadas podemos entrar no mundo da chamada "zona cinzenta" (ROLLEMBERG & QUADRAT, 2010; LABORIE, 2010) daqueles que nem apoiaram nem lutaram abertamente contra o regime. Uma expressão que em si não diz muita coisa, mas apenas nos obriga a sair dos maniqueísmos e rótulos pra tentar entender concretamente como e por esses sujeitos tornaram-se fãs-militantes e como participaram do imaginário e mitologia sobre o artista. Neste sentido não digo que as canções aqui analisadas foram políticas porque foram deliberadamente feitas com esse teor a serviço da esquerda ou da direita. Digo que as ideias de juventude, rebeldia e conciliação foram elementos da constituição do mito que estiveram nas canções do artista enquanto intervenções acerca do Brasil, com dados valores e crenças penetrando o mundo público.

"Quero que vá tudo pro inferno" aponta claramente o momento político dos anos 1960 sendo uma canção polissêmica e uma intervenção bombástica linguística e política. Já na fase madura canções como "A janela" foram "canções-parábolas" acerca de conciliação consigo, suas expectativas e lembranças. Canções onde o "eu" do cantor expressa publicamente toda a sua dor fazendo com o que o outro se identifique com seus dramas. "O divã", repito, é talvez o maior exemplo disso. "Canção-conciliadora". "Canção-catarse" acerca das cicatrizes que mesmo com todo sucesso não saem nunca.

A chave para entender as canções talvez seja compreender os discursos emocionados dos fãs e seu mundo. Investigar o que fez com que se tornassem "militantes" do mito que se concebeu diante de seus olhos. Discutir que aderiram ao mito não por força de uma "alienação", mas justamente o contrário: cerram fileiras a seu favor pela força de serem protagonistas enquanto colecionadores e divulgadores do mito. Um mito moderno dentro das contradições da ditadura que realizava, entre outros processos, a expansão brutal e conservadora dos meios de comunicação. Um mito "interiorano", humilde, que, segundo sua ótica de fãs, olhava para seu passado difícil e não o jogava fora depois do sucesso e da vitória.

Características que atravessaram a obra do artista, suas canções e estavam presentes em matérias de jornais, revistas e nos programas de TV da Rede Globo.[17] Um mito em que os fãs viam o seu próprio passado e projetavam seu futuro tendo em vista a figura de um "Rei" que a tudo vencia e permanecia um "nobre", sem se meter em polêmicas e sem cometer indignidades, sabendo conciliar tempos distintos. [18] Que soube, sempre segundo seus fãs, ser rebelde, passar da "canção-bomba" para a "canção-conciliação" e a "canção-catarse". Soube viver a seu modo a "revolução dos jovens" nos anos 1960, sendo "descolado" e "mandando tudo pro inferno". Que se inseriu completamente no desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, ao mesmo tempo sem se deixar pasteurizar. Soube falar de valores familiares de forma progressiva, mas sem deixar de falar das dificuldades, perdas e do peso do destino com seus traumas e angústias. Mas, de acordo com esses "fãs-militantes", destino que nunca lhe roubou a força e a fé de "*lutar pelos seus sonhos e ideais*".

Referências Bibliográficas

ALONSO, Gustavo. *Quem Não tem swing enche a boca de formiga. Wilson Simonal e os Limites de Uma Memória Tropical.* Record: Rio de Janeiro, 2011.

ARAÚJO, Paulo César de. *Eu Não Sou Cachorro Não.* Rio de Janeiro: Record, 2003.

ARAÚJO, Paulo César. *Roberto Carlos em Detalhes.* Rio de Janeiro: Planeta, 2006.

DARTON, Roberto. *O Beijo de Lamourette.* São Paulo: Cia da Letras, 1990.

LABORIE, Pierre. Os Franceses do Pensar Duplo. In: ROLLEMBERG, Denise. QUADRAT, Samantha. (orgs) *A Construção Social dos Regimes Autoritários.* Volume I Europa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010 pp31-44.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória.* Campinas: UNICAMP, 1995.

MARTINS, Bruno Viveiros. *Som Imaginário. A reinvenção da cidade nas canções do Clube da Esquina.* Belo Horizonte: EdUFMG, 2009.

MARTINS, Rui. *A rebelião romântica da jovem guarda*. São Paulo: Fulgor, 1966.

Reportagem "Uma onda já passou – Roberto Carlos deixa o comando do Programa Jovem Guarda". Jornal do Brasil 19-01-1968. Caderno B, Rio de Janeiro. página 01.

---

17 Pretendo na tese de doutorado em desenvolvimento "complementar" a análise das memórias sobre o mito de Roberto Carlos com o estudo dessas fontes procurando compreender a criação dessas representações de Roberto Carlos como um "rei", um "mito" em meio as tramas da ditadura de 64 e "sua" modernização conservadora. E observando como nas narrativas e coleções dos fãs-militantes tais questões foram apropriadas segundo as motivações desses sujeitos recriando o mito e sendo essa "militância" pró-Roberto Carlos um fenômeno próprio.

18 Os livros de Pedro Alexandre Sanches e Paulo Cesar de Araujo, entre outros muitos textos, apontam bem essa dimensão conciliadora em Roberto Carlos de evitar conflitos durante a sua carreira. Mas não debatem a fundo como isso pode ser visto na construção do mito de "Rei" e nem tampouco as apropriações feitas pelos fãs.

Reportagem “Olhem quem chegou de repente.” Revista Realidade, número 02 de Maio de 1966.

Reportagem "Juventude vive a rebelião romântica". Estado de São Paulo 08-05-1966, São Paulo.

RICOEUR, Paul. A Tríplice Mimese. In: *Tempo e narrativa.* Campinas: Papirus, 1994.

ROLLEMBERG, Denise. QUADRAT, Samantha. (orgs) *A Construção Social dos Regimes Autoritários.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SANCHES, Pedro. *Como Dois e Dois São Cinco.* São Paulo: Boitempo, 2004.

SKINNER, Quentin. Significado y comprensión en la historia de lãs ideas. *Prismas. Revista de historia intelectual.* Buenos Aires: Universidad de Quilme, N4, 2000.

STARLING, Heloisa. SCHWARCZ, Lilia Moritz. Lendo canções e arriscando um refrão. In: *REVISTA USP,* São Paulo, n.68, p. 210-233, dezembro/fevereiro 2005-2006

STARLING, H.; EISENBERG, J.; CAVALCANTE, B. (Org) *Decantando a republica. Inventário histórico e político da canção popular moderna brasileira.* Rio de janeiro: Nova Fronteira; São Paulo; Perseu Abramo, 2004.

STARLING, Heloisa. *Uma Pátria Paratodos. Chico Buarque e as Raizes do Brasil.* Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009.